

Nello Cipriani, *Lo spirito santo, amore che unisce – Pneumatologia e spiritualità in Agostino*, (In pluribus unitas, 4) Città Nuova, Roma 2011, 201 pp.; ISBN 978-88-311-3462-0.

Mais de um milénio e meio volvido desde que o *corpus augustinianum* despontou, é difícil encontrar campos de investigação virgens, ou áreas de estudo intocadas e por desbravar. O tratamento da pneumatologia, tal como se acha feito por Agostinho, não foge à regra. E até a confirma de modo particularmente flagrante: sempre se tem procurado desvelar o modo como Agostinho analisa o Espírito Santo. Acontece, todavia, que continua a faltar um levantamento exaustivo de todas as passagens do seu *corpus* relativas a este mistério. E ainda falta uma visão de conjunto, que abarque o complexo de dimensões aí envolvido.

O livro que agora se recenseia afigura-se como um notável contributo para colmatar esta lacuna. Editado pela Città Nuova, como quarto volume da coleção *In pluribus unitas* (dedicada a Agostinho), este livro do augustiniano Nello Cipriani apresenta características a vários títulos invulgares. Desde logo, é manifesto o esforço do autor por contribuir para o tal levantamento exaustivo acima indicado. De tal modo assim é que o leitor menos paciente pode ser levado a pensar que as citações de Agostinho são excessivas. Na verdade, só depois de muita pesquisa se consegue descobrir uma página na qual não figure pelo menos uma citação, com o acréscimo de haver excertos que ocupam mais de uma página. Mas um recurso tão frequente (quase ininterrupto...) aos textos de Agostinho não pode ser involuntário. Este facto, que noutro livro poderia ser indício de uma metodologia descuidada ou, pelo menos, desconexa, é oportuno numa investigação deste género. Deste modo, Nello Cipriani apresenta ao leitor um conjunto de excertos que contempla também textos que tendem a ser excluídos da análise – tais como as *Enarrationes*, cartas e até mesmo inéditos há pouco descobertos.

Mas mais: além de citar Agostinho de modo quase contínuo, o autor procura citar o próprio original latino nos pontos mais controversos e significativos. O céptico depara-se, assim, com os termos adotados pelo próprio Agostinho – e, a partir deles, pode decidir por si

com maior propriedade. Isto baste para se perceber que o modelo expositivo do autor é voluntário e frutuoso.

Mas não é só destas características invulgares que se trata. Há mais. À semelhança de artigos seus (cfr., por exemplo, «La presenza di Mario Vitorino nella riflessione trinitaria di sant'Agostino», *Augustinianum* 42 [2002], pp. 285-92), o autor procura firmar o pensamento agustiniano nas suas bases. Quer dizer, Agostinho não é apresentado como um pensador desgarrado, aparecido *ex nihilo* ou não se sabe bem de onde. Pelo contrário: num jogo de encontros e desencontros, mostra-se onde Agostinho bebe de autores como Ambrósio ou Mário Vitorino, e onde deles se afasta ou desencontra.

Mas também não é só disto que se trata. Não passará despercebido o elevado número de notas (ao todo, duzentas e trinta e três) numa obra que não ultrapassa as duas centenas de páginas. Assim, o leitor não é sobrecarregado com textos e apontamentos que o poderiam levar a desistir; e o estudioso é convidado a prosseguir a investigação por si próprio, a partir das nótulas sugeridas. Esta investigação futura é acicatada, também, pelas conclusões de cada parte do livro.

É precisamente das partes do livro que cabe falar agora, numa tentativa de constituir um como que “retrato robot”. Uma análise, mesmo que resumida, das partes do livro mostra que se trata de um trabalho digno de ser lido.

O autor não demora muito tempo a indicar o seu método para a primeira parte. Já no prefácio, logo depois de defender a centralidade da pneumatologia na espiritualidade agustiniana, escreve que Agostinho «ha maturato il proprio pensiero sullo Spirito Santo a poco a poco, progredendo lungo tutto l'arco della vita e della sua riflessione teologica» (pp. 6-7). E, mais adiante, precisa: «Negli scritti anteriori all'ordinazione presbiterale Agostino perseguiva l'obiettivo della sapienza, ossia la conoscenza perfetta di Dio, facendosi guidari della luce della fede insegnata dalla Chiesa e usando la ragione, convinto di poter giungere così alla comprensione dell'oggetto della sua fede. Non si poneva il problema del fondamento biblico della fede, come farà nel periodo successivo, per verificare ciò che è stato veramente rivelato e si deve credere» (pp. 12-3). Por tudo isto, o método do autor é muito concreto: seguirá um percurso fundamentalmente cronológico.

Este processo de desocultação é digno de nota. De facto, permite vislumbrar um pensamento verdadeiramente em construção, degrau a

degrau, etapa a etapa. O primeiro capítulo da primeira parte pode ser subdividido em dois, justamente porque dá a ver dois degraus, duas etapas do caminho que terá como ponto de chegada o pensamento de Agostinho depois de se ter tornado bispo. Seguindo o acima referido método cronológico, o autor começa por apresentar o pensamento agostiniano anterior ao batismo. E, num segundo momento, dá a ver o Agostinho posterior ao batismo mas ainda anterior à ordenação.

No segundo capítulo daquela parte, é apresentado o Agostinho posterior à ordenação. Também aqui há um desenvolvimento interno desde a primeira até à segunda obra analisada, isto é, desde o estudo do *De fide et symbolo* até ao estudo do *De trinitate*, que Agostinho escreveu quando já era bispo. Trata-se de um desenvolvimento até à constituição definitiva daquilo a que se chama uma «nova ciência», isto é, uma ciência alicerçada nos fundamentos mesmos da fé: os fundamentos escriturísticos. Tendo como pano de fundo a preocupação de distinguir, na unidade, as três pessoas divinas, Agostinho é apresentado como o primeiro autor a definir a caridade como o próprio do Espírito Santo, sendo este o seu grande contributo para a teologia trinitária. O Espírito Santo é “l’amore che unisce” (cfr., por exemplo, p. 80 e o próprio título) – eis o ponto de chegada para o qual Nello Cipriani quer conduzir o leitor, na primeira parte da obra.

É o mesmo Nello Cipriani a referir que a segunda parte é totalmente distinta da primeira. Nesta (como se viu), quis-se apresentar os «aspetti propriamente speculativi e dottrinali concernenti lo Spirito Santo» (p. 94). Naquela, «è ora che rivoliamo l’attenzione alla sua riflessione sull’azione nella storia che maggiormente tocca la spiritualità, o se si vuole, la vita cristina» (*ibidem*). Esta é uma das virtuosidades da obra: longe de se ficar pela teoria, dela parte para chegar à esfera do concreto – situando assim a teologia no âmbito das ciências práticas. O autor não podia ser mais claro neste particular: «l’idea centrale della spiritualità agostiniana consiste nel disegno del Padre di ripostare gli uomini all’unità per mezzo di Cristo e in Cristo mediante il comune dono dello Spirito Santo» (p. 95). Neste sentido, justificava-se um estudo minucioso: 1) da ação do Espírito Santo no mundo, nos cristãos em particular e na Igreja no seu todo; 2) e da atitude que, segundo Agostinho, o mesmo mundo, cristãos e Igreja devem ter face à terceira pessoa da trindade. É isso que faz o autor, degrau a degrau, etapa a etapa – passo a passo. Tudo isto a partir das teses agostinianas

decisivas, segundo as quais: 1) o próprio Deus convida a participar na vida intratrinitária (i.e., na própria vida de Deus «ad intra», até à divinização); 2) e o cristão está chamado a viver por Deus («vivere Deo» [p. 139]) e em Deus («vivere de Deo» [*ibidem*]).

Posto isto, há que dizer que a secção bibliográfica não pode deixar de desapontar. Face a um trabalho tão minucioso (e, por vezes, até exaustivo), seria de esperar um maior aparato bibliográfico. Mas o autor só indica catorze obras, com a agravante de as apresentar com uma ordem duvidosa, ou pelo menos não alfabética (será que as quis apresentar por ordem de importância?). Acresce que este facto poderia ser minimizado se se indicasse, naquela secção, as inúmeras obras referidas em nota. Isso bastaria para se dar continuidade à interpelação que a obra constitui, e a que já se aludiu: um convite para o estudioso de Agostinho prosseguir por si próprio, a partir das várias indicações sugeridas pelo autor. No mesmo sentido, estranha-se o facto de o autor não referir qual a fixação dos textos de Agostinho que é adotada. Ainda neste contexto, seria muito útil – e até expectável, numa obra deste calibre – que o autor apresentasse um índice temático.

Mas estas circunstâncias não ofuscam o facto de a obra se afigurar como um contributo (a vários títulos notável e singular) para a compreensão de como Agostinho intenta destapar um pouco o véu de algo que permanecerá sempre obscuro: o mistério da Trindade, em geral, e do Espírito Santo, em particular.

Diogo Morais Barbosa
Instituto Linguagem, Interpretação e Filosofia
Universidade de Coimbra